

## Lauro Quadros: “É isso aí e mais meio quilo de farofa”<sup>1</sup>

Carlos Gustavo Soeiro GUIMARÃES<sup>2</sup>

Luiz Artur FERRARETTO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

Busca resgatar a história de Lauro Quadros, destacando as principais características deste profissional para demonstrar a sua importância no contexto do rádio do Rio Grande do Sul do final dos anos 1960 até o início da década de 2010. Posiciona, assim, a trajetória do jornalista e radialista em relação às transformações em curso nas emissoras comerciais, em especial as relacionadas com as rádios Gaúcha e Guaíba, as duas mais destacadas do segmento de jornalismo no estado. Explora as áreas de atuação de Lauro Quadros no meio, concentrando-se no comentário esportivo e na ancoragem de programas de entrevista e mesas-redondas. Utiliza, para tanto, como referências: (1) proposta de periodização para a história do rádio brasileiro apresentada por Ferraretto (maio-ago. 2012) e (2) formulação de intenção semelhante – e derivada desta primeira – a respeito do desenvolvimento do comentário esportivo nas emissoras de Porto Alegre (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016).

**Palavras-chave:** Lauro Quadros; História do rádio; Jornalismo esportivo; Comentário esportivo; Comunicador radiofônico

O narrador Armindo Antônio Ranzolin descreve com precisão o lance que dá origem ao gol marcado por Baltazar Maria de Moraes na decisão do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1981, quando o Grêmio Football Porto-Alegrense derrota por um a zero o São Paulo Futebol Clube. Na sequência do relato, o repórter João Carlos Belmonte reproduz os detalhes da jogada com semelhante minúcia. O plantão de estúdio Antônio Augusto dissecos os pormenores do acontecimento e transmite o significado daquele gol e suas consequências para o título que chegará minutos depois. O último a participar do relato é Lauro Quadros, comentarista da Rádio Guaíba, neste ano de 1981. À parte da emoção de Ranzolin, da precisão técnica de João Carlos Belmonte e da interpretação fria e matemática de Antônio Augusto, o comentarista traduz o momento com sua habitual picardia: “O São Paulo agora vai

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação e integrante do Núcleo de Estudos de Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. E-mail: csguimaraes@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição onde atua como professor no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, além de coordenar o Núcleo de Estudos de Rádio, grupo de pesquisa certificado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: luiz.ferraretto@ufrgs.br.

ficar doido, maluco, atucanado” (RÁDIO GUAÍBA AM, 1981). Os termos utilizados fazem parte, evidentemente, de uma linguagem figurada, não literal. O próprio uso da palavra “atucanado” – “amolado, aborrecido, apoquentado” (FERREIRA, 1981, p. 159) – não é habitual na ainda algo sisuda Rádio Guaíba. A expressão é utilizada, especialmente no Rio Grande do Sul, para explicar um estado de espírito nervoso, desequilibrado ou atordado. É, portanto, um termo da linguagem coloquial, quase uma gíria. Desde os anos 1960, a utilização de vocábulos similares a este marca um estilo de falar ao microfone introduzido e consagrado por Lauro José de Quadros.

Possivelmente, se fosse seguir a trajetória dos comentaristas esportivos da década anterior, a de 1950, o termo “atucanado” jamais apareceria no momento do gol, o mais importante de uma jornada esportiva<sup>4</sup>. Os primeiros profissionais a exercerem esta função adotavam uma linguagem que se aproximava da crônica, apropriando-se do estilo formal empregado em jornais e revistas (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f. 6). Com a chegada de Ruy Carlos Ostermann à Guaíba, em 1962, partiu-se para o chamado rádio retórico, “com um palavreado bonito, usando expressões cheias, redondas, que davam um colorido especial à frase” (OSTERMANN apud DALPIAZ, 2002, p. 103). Contrariando o predominate à época no rádio de Porto Alegre, Lauro Quadros introduz a linguagem coloquial no comentário esportivo:

Repórter descontraído, comentarista descontraído [...] E aí surgiram os bordões até hoje lembrados. “Esse cara conhece o rengo sentado e o cego dormindo.” Nesta onda do politicamente correto, quem aceitaria expressões como estas? De qualquer forma, foram frases que marcaram. Outras: “Fulano sabe a cabeça que tem piolho.” “Esse conhece o caminho da roça.” “É isso aí e mais meio quilo de farofa.” “Esse tem farinha no saco.” (QUADROS, 2015, p. 36).

Reduzir a importância de Lauro Quadros à introdução de uma linguagem pendente para o popular no radiojornalismo esportivo de então é minimizar em demasia a importância deste profissional, um dos principais comunicadores de rádio da capital gaúcha durante quase seis décadas. Autodidata por definição (QUADROS, 27 mar. 2017), o jornalista e radialista começou como locutor comercial e plantão esportivo. Posteriormente, passou pela reportagem de campo e pelos comentários na cabine, além de atuar em outros meios, como jornal e televisão. Homem de rádio que redefiniu o texto do comentário esportivo, Lauro

<sup>4</sup> A transmissão ao vivo de um evento esportivo, em geral de jogos de futebol.

Quadros também tem importância ao incentivar a participação do ouvinte na programação, uma das bases do fazer radiofônico na atual fase de convergência<sup>5</sup>.

### **Dos alto-falantes do Colégio Rosário à Copa de 1962**

Lauro José de Quadros nasceu em 19 de setembro de 1939, em Porto Alegre. Na época, seus pais residiam no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, às margens de uma lagoa que leva o sobrenome da família, a Lagoa dos Quadros, a aproximadamente 110 km da capital, onde viveu até 1945. Ainda na infância, a morte do pai, José Medeiros de Quadros, seria decisiva em sua trajetória:

Perdi meu pai aos quatro anos de idade. Minha vida poderia ter sido completamente diferente, já que certamente ficaria por lá cuidando dos campos, talvez estudando Direito, que era o usual. Com cinco anos, viemos – eu, minha mãe Inês e meu irmão Odone – para Porto Alegre. Nós fomos morar no bairro Petrópolis, onde as coisas começaram a acontecer. (QUADROS, 27 mar. 2017).

Uma vez estabelecido na Zona Leste de Porto Alegre, Lauro Quadros ingressou no Colégio Santa Inês, localizado próximo de onde morava. Na escola, a comunicação e a eloquência já eram características acentuadas em sua personalidade por “fatores genéticos e ambientais” (QUADROS, 27 mar. 2017). Na época, fortemente influenciado pela mãe, que o ensinou a declamar diversos poemas, Lauro já recitava de memória. Em 1949, com dez anos, a pedido das freiras do colégio, faria um discurso em homenagem ao então novo arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer.

Já no Colégio Rosário, em 1950, Lauro Quadros conhece Milton Jung, que posteriormente seria seu colega na Rádio Guaíba:

O Milton e eu fomos fazer um teste na Rádio Metrópole<sup>6</sup>. Eu tinha 15 anos e não fui aprovado em função da idade. Na época, nós já fazíamos o serviço de alto-falantes do Rosário. Apesar da idade, eu declamava poesias de Castro Alves no sistema. O Milton era um dos locutores. Havia alto-falantes nas salas de aula e emissão de mensagens. Então, eu era responsável por declamar, pela parte da oratória. (QUADROS, 27 mar. 2017).

Na primeira metade da década de 1950, Porto Alegre contava com duas grandes emissoras de rádio, a Farroupilha e a Gaúcha, disputando a preferência dos ouvintes com

<sup>5</sup> “A gradativa consolidação da telefonia celular, introduzida no país em 1990, e da internet, cujo acesso comercial é liberado aos brasileiros no ano de 1995, vai fazer com que se conforme uma nova fase histórica em termos de rádio, na qual influenciam também novos modos de acesso à informação e de relacionamento derivados destas duas tecnologias. Sem excluir a ideia de focar o conteúdo em parcelas da audiência, as emissoras, em realidade, ultrapassam este tipo de posicionamento: em um processo que começa a ganhar força no final da primeira década do século 21, passam a buscar não apenas o segmento específico, mas se conscientizam da necessidade de estarem com sinal disponível a esta parcela da audiência independentemente do suporte técnico utilizado.” (FERRARETTO, maio-ago. 2012, p. 17-18).

<sup>6</sup> Emissora de menor porte cujos estúdios ficavam na Zona Norte de Porto Alegre

uma programação baseada no espetáculo das novelas, humorísticos e programas de auditório; uma de médio porte, a Difusora, de conteúdo mais musical, mas, por vezes, abrindo maiores espaços para o esporte; e duas pequenas, a Itaip e a Metrópole, ambas tentando sobreviver à base de músicas, dedicatórias e um ou outro programa a emular o oferecido pelas estações maiores (FERRARETTO, 2007). Na época, conforme a periodização aqui adotada como referência, vivia-se a fase de difusão, cuja programação voltava-se, majoritariamente, para o espetáculo – dramaturgia, atrações ao vivo no auditório etc. –, com espaços reduzidos destinados à cobertura esportiva, à música gravada e aos noticiários. Tratado sem considerar especificidades de gosto, o público era, assim, “tomado como um todo ao qual se destina a programação, uma série de conteúdos trabalhados segundo uma média de gosto” (FERRARETTO, maio-ago. 2012, p. 13).

Lauro Quadros, obviamente, foi influenciado pelo conteúdo das emissoras locais e também pelo de estações mais distantes e facilmente sintonizadas na Porto Alegre dos anos 1940 e 1950, como a Rádio Belgrano, de Buenos Aires, ou a Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. Não seria insensível também aos fatos do esporte. É o caso da Copa do Mundo de 1950, que teve jogos realizados na capital gaúcha e transmissão da final por emissoras do Rio Grande do Sul. Com o Maracanazo – a surpreendente vitória da Seleção Uruguaia sobre a Brasileira por 2 a 1 –, houve uma intensificação das transmissões esportivas. Entre os fatores a se considerar neste processo, destacam-se: (1) a introdução da televisão no Brasil e o primeiro jogo transmitido ao vivo pelo novo meio, entre Palmeiras e Santos, no Estádio do Pacaembu, em 15 de outubro de 1950 (RIBEIRO, 2007, p.135); (2) a popularização dos receptores transistorizados de rádio, que passam a ser comuns a partir do início da década seguinte, ganhando presença mais forte ainda com a realização da Copa do Mundo de 1962, no Chile (FERRARETTO, maio-ago. 2012, p. 14); (3) o advento das cabines de transmissão nos estádios; e (4) a formação de um departamento específico de jornalismo esportivo dentro das emissoras. A respeito deste último, deve-se recordar que o rádio do final dos anos 1950 é marcado pela existência de equipes esportivas nas rádios Gaúcha e Guaíba, antecedente mais remoto de uma concorrência, apesar de alguns hiatos, forte nas décadas seguintes.

É neste contexto que Lauro Quadros começa sua trajetória no rádio do Rio Grande do Sul, em agosto de 1959, na Gaúcha, dividindo-se entre o jornalismo esportivo e a locução comercial. No futebol, integra a equipe montada por Ary dos Santos, ocupando, de iní-

cio, a função de plantão de estúdio<sup>7</sup>. Em 1960, transfere-se para a Rádio Difusora, onde encontra colegas que seriam marcantes em sua trajetória, como o narrador Armindo Antônio Ranzolin. Na emissora então recém-adquirida pela Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, torna-se narrador, “um narrador diferente, com voz de tenor, ao contrário de outros da época, que eram barítonos” (QUADROS, 27 mar.2017). Além de comandar a jornada esportiva, Lauro Quadros apresentava o programa **Escolha e Peça**, atração matutina que consistia em pedidos musicais dos ouvintes.

Como narrador, retornou, seis meses depois, à Gaúcha, acompanhando pela emissora o Campeonato Gaúcho de Futebol de 1961, competição na qual o Sport Club Internacional quebraria a hegemonia do Grêmio Football Porto-Alegrense, que até então havia conquistado cinco títulos consecutivos. Também ficaria pouco tempo na rádio. Em 9 de janeiro de 1962, Lauro Quadros assinou contrato com a Guaíba, para ser repórter de campo, embora, de início, ainda atuasse, por vezes, como narrador. Seis meses após sua estreia, viaja para a cobertura da Copa do Mundo do Chile:

Eu fui sorteado para ir à Copa do Chile pela Associação dos Cronistas Esportivos de Porto Alegre<sup>8</sup>. Ganhei com o número 14. O sorteio era entre os associados da entidade. Imediatamente, a Rádio Guaíba providenciou uma diária para mim, quase uma ajuda de custo. Fiz a cobertura com a Rádio Guaíba em 1962, como repórter. Eu também era o quinto narrador, mas era, de fato, repórter, o primeiro repórter. [...] A partir de então, passei a participar de grandes coberturas, como a decisão do Mundial Interclubes de 1963, entre Santos e Milan. (QUADROS, 27 mar. 2017).

No Chile, a Guaíba voltou a usar o sistema *single side-band* (SSB), ou banda lateral única, que seleciona a faixa lateral com menor interferência no ponto de irradiação, suprimindo as demais e gerando, desta maneira, um sinal de melhor qualidade. A tecnologia havia sido usada de forma inédita em 1958, permitindo que a emissora conseguisse conexão em dois sentidos entre o estúdio de Porto Alegre e os estádios durante a Copa da Suécia (FERRARETTO, 2012). A partir de sua participação na cobertura dos jogos da Seleção Brasileira no Chile, Lauro Quadros começa a se consolidar como um repórter de estilo descontraído, marcado tanto por um padrão de fala mais coloquial, quanto, em alguns momentos, até pelo modo de se vestir, fugindo ao terno e gravata de então.

<sup>7</sup> Profissional responsável por fornecer informações adicionais a respeito do que acontece durante uma transmissão esportiva, situando o ouvinte com detalhes a respeito da campanha de uma agremiação ou de um atleta, além de noticiar resultados paralelos ao evento narrado.

<sup>8</sup> Entidade que, posteriormente, deu lugar à Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos (Aceg).





*Figura 1 – Lauro Quadros, como repórter em um grenal (1968)*  
O jornalista e radialista entrevista o volante Élton, do Sport Club Internacional.  
Fonte: Acervo pessoal de Lauro Quadros.

A popularidade obtida como repórter da Rádio Guaíba permite que postule uma vaga na Câmara de Vereadores nas eleições de 1963. Concorrendo pela União Democrática Nacional (UDN), fica como suplente, assumindo, três anos depois, já pela legenda da Aliança Renovadora Nacional (Arena), fato lembrado com certa ironia pelo comunicador, taxado por alguns, em tempos mais recentes, como de esquerda:

Com essa febre dicotômica de petismo e antipetismo, os que ouvem só levam em conta quando se pisa nos seus calos. Normal. Sou de esquerda? Tá bom. Mas, em 1966, fui vereador de Porto Alegre pela Arena. Claro, concorri pela UDN, que virou Arena depois da *Redentora*. Durma-se com um barulho desses. (QUADROS, 2015, p. 56-57).

Um pouco antes de Lauro Quadros tentar esta breve aventura política, ingressa na equipe da Guaíba o comentarista Ruy Carlos Ostermann, da **Folha da Tarde Esportiva**, jornal que, como a rádio, pertencia ao empresário Breno Caldas. Até o início da década de 1970, o estilo sóbrio e quase acadêmico deste último – de fato, professor de Filosofia – vai acentuar o contraste com a descontração de Lauro Quadros, profissional que já tinha acendido então ao posto de comentarista.

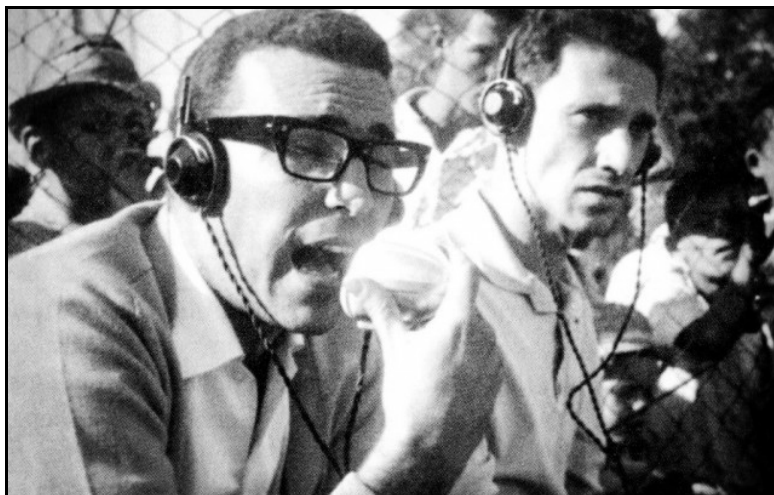


Figura 2 – Ruy Carlos Ostermann e Lauro Quadros (fevereiro de 1962)

Estreia de Ruy Carlos Ostermann como comentarista da Guaíba em jogo narrado por Lauro Quadros.

Fonte: Acervo pessoal de Lauro Quadros.

### A liderança da Guaíba e o estilo de Lauro Quadros

Lauro Quadros afirma que o comentário esportivo divide-se em “antes e depois de Ruy Carlos Ostermann” (QUADROS, 27 mar. 2017). A chegada de Ostermann à Guaíba, de fato, modifica a função. Em proposta de periodização em relação ao desenvolvimento do comentário esportivo no Rio Grande do Sul apresentada anteriormente (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f. 4), identificam-se três fases: (1) *da crônica esportiva*, do início da década de 1950 até o início dos anos 1970, na qual não existe o rigor formal do texto jornalístico mais contemporâneo; (2) *do jornalismo esportivo*, de meados dos anos 1960 até o início do século 21, em que a informação jornalística norteia a opinião; e (3) *do jornalismo esportivo convergente*, da segunda metade da década de 1990 até a atualidade, quando são inseridos elementos de análise tática e de desempenho a basear o posicionamento do profissional.

A fase do jornalismo esportivo começa a despontar na Copa de 1966:

É na Inglaterra [...] que Ruy Carlos Ostermann, ponderando prós e contras, sem deixar de reconhecer os méritos dos adversários, consolida-se [...], apresentando explicações para a péssima campanha da Seleção Brasileira – uma vitória por 2 a 0 na estreia contra a Bulgária e duas derrotas, frente à Hungria e a Portugal, pelo mesmo marcador de 3 a 1. No trabalho que realiza desde então, embasa seus argumentos, analisando a partida pelo número de arremates a gol, de chutes – fracos, com certa pretensão a exigir a intervenção do goleiro, ou muito fortes e bem-colocados, a obrigar grandes defesas –, de jogadas bem ou mal finalizadas, de escanteios cobrados ou cedidos, de faltas etc. Enfim, uma série de detalhes cuidadosamente planejados que podem ser resumidos em uma única palavra: informação. Bacharel em Filosofia, leva bagagem cultural ao ambiente esportivo, sem deixar de conferir caráter jornalístico a suas opiniões [...]. (FERRARETTO, 2007, p. 492).

A planilha revolucionou os comentários esportivos nos anos 1960 e foi incorporada à prática dos analistas da época. Já sob a vigência desta nova metodologia, Lauro Quadros torna-se comentarista em 1969 na Guaíba, quando Ostermann se transfere para a Gaúcha, em um curto período antes da Copa de 1970. De fato, era para ter trocado também de emissora, mas justamente a possibilidade de deixar a reportagem faz com que permaneça na rádio de Breno Caldas. Alçado a comentarista, começa a definir um estilo mais descontraído marcado pelos bordões citados anteriormente:

Até hoje o pessoal passa por mim e me reconhece pelos bordões. Mas eu tomei cuidado para que eu não fosse refém dos bordões. Quando comecei como comentarista, houve uma certa reação. O Pedro Carneiro Pereira [*chefe de Esportes da emissora e principal narrador esportivo daquele momento no Rio Grande do Sul*] pedia para que eu desse uma controlada. De fora para dentro, havia uma repercussão muito positiva, porque as pessoas começaram a repetir meus bordões. Então, entendi que meu estilo começou a pegar entre os ouvintes, que gostavam do que eu fazia. (QUADROS, 27 mar. 2017).

Quando, após as eliminatórias da Copa de 1970, o *professor* retorna para a Guaíba, cria-se, no imaginário do ouvinte, uma rivalidade entre os dois profissionais de estilos opostos: de um lado, o correto e quase acadêmico Ruy Carlos Ostermann e, de outro, o popular e descontraído Lauro Quadros.

Se Ruy atacava com um vocabulário refinado, Lauro contra-atacava com o idioma do povo. Se Ruy queria servir um prato rebuscado de escargot, Lauro apresentava um arroz com feijão bem temperadinho, parecido com almoço de avó, cheio de amor, carinho e sabor. O que Lauro propôs ao grande público era simples, mas não era básico ou chulo, era algo muito mais próximo do que é o comentário esportivo nos dias de hoje. [...] Era simples, direto e objetivo, passava uma mensagem clara, com boa dose de humor ou fantasia, capaz de cativar qualquer fã de futebol, não por acaso. (GRABAUSKA; MAICÁ, 2016, p.148-149).

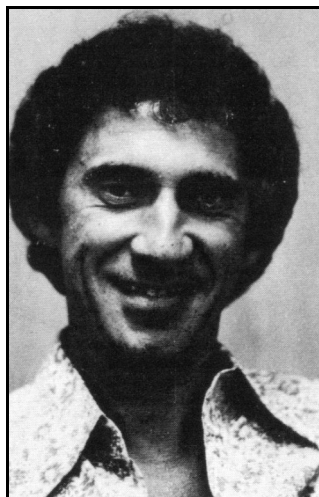
Nos anos 1970, a Guaíba intensificou a sua cobertura esportiva, apesar de ter enfrentado a morte trágica do chefe do seu Departamento de Esportes. Além de narrador, Pedro Carneiro Pereira era um entusiasta do automobilismo, competindo em diversas provas da classe Turismo. No dia 21 de outubro de 1973, correndo com um Opala, número 22, sofreu um acidente fatal. No mesmo momento, a Guaíba transmitia jogos do Campeonato Brasileiro. Após irradiar 15 minutos de Internacional e São Paulo, Armindo Antônio Ranzolin interrompeu a transmissão, anunciando o falecimento de Pedro Carneiro Pereira. A reação do público presente, aplaudindo durante alguns minutos, atesta a impressionante audiência da Guaíba naquele momento (RÁDIO GUAÍBA AM, 21 out. 1973). O incidente não barrou o processo de aprimoramento jornalístico da cobertura esportiva já em curso na emissora:



Em outubro de 1973, ao assumir a direção do Departamento de Esportes, Armindo Antônio Ranzolin coloca na coordenação do setor Antônio Britto Filho, que, dando continuidade a um processo iniciado ainda com Pedro Carneiro Pereira, introduz a pauta e organiza o trabalho diário dos setoristas. Como preparação às jornadas esportivas, passam a ocorrer reuniões, planejando as atividades de cada integrante da equipe. (FERRARETTO, 2007, p. 497).

Em paralelo, desde o início da década de 1970, Lauro Quadros integra a equipe da TV Difusora, emissora ligada aos frades capuchinhos, e participa de programas como o telejornal noturno **Câmera 10**, o noticiário esportivo **Camisa 10**, a mesa-redonda **Jogo Aberto** e o programa de variedades **Portovisão**. Fora isto, assina uma coluna diária no jornal **Folha da Manhã**, transferida posteriormente, com o término da publicação, para a **Folha da Tarde**.

A Gaúcha havia retomado a cobertura esportiva na Copa de 1974 na Alemanha Ocidental, depois de três anos sem irradiações de jogos de futebol. Os bons resultados obtidos encorajavam novos investimentos. Assim, em 1976, houve uma nova tentativa de contratar Lauro Quadros, visto como a parceria ideal para o narrador Haroldo de Souza, de estilo bem mais descontraído do que o de Armindo Antônio Ranzolin e despontando como uma das atrações da emissora. Pressionado a deixar também a TV Difusora, o bom contrato com os capuchinhos pesaria na decisão, fazendo com que o jornalista e radialista permanecesse na Guaíba.



*Figura 3 – Lauro Quadros (1979)*

Na época, o jornalista e radialista aparecia como o primeiro comentarista da Rádio Guaíba no material gráfico do disco comemorativo aos 10 anos de inauguração do estádio do Sport Club Internacional.

Fonte: RÁDIO GUAÍBA. **1969-1979 – 10º aniversário do Estádio Beira-Rio**, Porto Alegre, 1979. LP.

Em 1978, a Gaúcha voltou à carga sobre os profissionais da concorrente, contratando Ruy Carlos Ostermann. A saída de um dos dois principais comentaristas da Guaíba coin-

cide com o início do processo de agravamento da crise financeira dos empreendimentos de Breno Caldas na área de comunicação. Embora chegue a colocar no ar a TV2 Guaíba (1979) e a Rádio Guaíba FM (1980), deixam de circular, nos anos seguintes, os seus jornais – primeiro a **Folha da Manhã** (1980) e, depois, juntos, o **Correio do Povo** e a **Folha da Tarde** (1984). A Guaíba AM não sai ilesa da crise que levará ao repasse, em 1986, de todos estes negócios ao empresário Renato Ribeiro. No segundo semestre de 1984, há o desmonte da equipe da emissora. Para a Gaúcha, saem, entre outros, Armindo Antônio Ranzolin, e para a Pampa, que passa a investir em jornalismo, transfere-se um contingente significativo de profissionais, entre os quais está Lauro Quadros. Até 1985, quando é contratado pela então Rede Brasil Sul de Comunicação<sup>9</sup>, controladora da Rádio Gaúcha, trabalha também na TV Pampa e no **Jornal do Comércio**.

### **Lauro Quadros fora do esporte e em tempos de convergência**

Em meados dos anos 1980, o cenário radiofônico de Porto Alegre mudara muito em relação ao da década anterior. Se durante a Copa do Mundo de 1978, na Argentina, a Guaíba ainda mantinha 43,5% de ouvintes a mais do que a Gaúcha, quatro anos depois, na Espanha, ambas as emissoras apareciam praticamente empatadas, embora na rádio de Breno Caldas ainda estivessem profissionais como Armindo Antônio Ranzolin e Lauro Quadros. (FERRARETTO, 2007, p. 237). O ano de 1986 ofereceria as oportunidades para que a Gaúcha se consolidasse como a líder do segmento de jornalismo, aproveitando as coberturas da Copa do Mundo, no México, e das eleições para os governos estaduais, assembleias legislativas e Congresso Nacional. Deste modo, nos meses de junho e novembro, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística registrou que a emissora havia obtido aproximadamente o dobro da audiência de sua principal concorrente (FERRARETTO, 2007, p. 244).

Um pouco antes, em agosto de 1985, a convite de Flávio Alcaraz Gomes, que havia assumido a gerência-executiva da Gaúcha, Lauro Quadros transferiu-se para a rádio da RBS. Na emissora, aproveita a experiência anterior na Pampa, onde apresentara a radiorevista<sup>10</sup> **Misto Quente**. Assim, passa a conduzir, de segunda a sexta-feira, das 9h30 às 12h<sup>11</sup>, o **Programa Lauro Quadros**, com convidados, debates e assuntos variados. Passa também

---

<sup>9</sup> Atual Grupo RBS.

<sup>10</sup> Tipo de conteúdo também conhecido como programa de variedades, caracterizando-se por incluir espaços fixos dedicados à cultura e ao lazer, intercalados com orientações nas áreas de Medicina ou de Direito, sem desconsiderar, por vezes, a abordagem dos fatos mais importantes do dia.

<sup>11</sup> Mais tarde, o término seria antecipado para 11h.

a escrever no jornal **Zero Hora** e apresentar comentários na RBS TV. Como analista de futebol, o comunicador ainda cobriria três Copas do Mundo: em 1986, no México; em 1990, na Itália; e em 1994, nos Estados Unidos. Nesta última, despediu-se dos microfones das jornadas esportivas com a conquista do tetracampeonato mundial pela Seleção Brasileira: “Era uma convicção minha. Foram 34 anos sem finais de semana. Algumas pessoas tentaram me convencer do contrário, mas eu já tinha decidido. Coincidiu com um grande título do Brasil e achei que era o momento” (QUADROS, 27 mar. 2017).

Ao longo deste período, Lauro Quadros (27 mar. 2017) explica que não esteve presente em apenas duas Copas do Mundo. Na da Inglaterra, em 1966, uma parceria da Guaíba com a estatal alemã Deutsche Welle limitou o número de credenciais para os profissionais da rádio. Também se ausentou na de 1970, no México, quando houve a sugestão de que cobrisse o campeonato como repórter em função do retorno de Ruy Carlos Ostermann à emissora.

Deixando as jornadas esportivas, Lauro Quadros foi convidado para apresentar um *talk-show* na TVCOM, emissora em UHF da RBS, que operou de 1995 a 2015. O **Estúdio 36** seguia a mesma linha do programa da rádio, apenas abrindo mais espaço para atrações musicais, algo que o formato da atração da Gaúcha não comportava. Em 1999, o **Programa Lauro Quadros** deu lugar ao **Polêmica**, uma mesa-redonda com três ou quatro convidados, incluindo uma novidade para a época: a disponibilização de números de telefone que permitiam ao ouvinte votar respondendo a uma questão do tipo sim ou não, ponto e contraponto. Os dados eram computados por meio de um *software* específico, permitindo ao apresentador e aos seus convidados trocarem também impressões sobre as opiniões do público. Mais tarde, este mecanismo seria associado a mensagens de texto tipo SMS, de correio eletrônico ou das redes sociais. A pergunta do dia e os resultados da chamada **Interativa do Polêmica** também eram publicados no jornal **Zero Hora**.

Tomando como base o que afirma Jenkins (2009, p.30), pode-se dizer que o programa estava sintonizado com a cultura da convergência, na qual produtores e consumidores de mídia interagem de acordo com um novo conjunto de regras. De fato, no **Polêmica**, a audiência era determinante para uma espécie de resultado final sobre o tema que era proposto.

**Programa Polêmica.**  
Quando o assunto tem  
dois lados e o Lauro  
Quadros no meio.

Polêmica: a maior audiência de segunda  
a sexta, das 9h30 às 11h.

A polêmica faz parte da vida de todo mundo. Ainda mais de um povo politizado como o gaúcho. Por isso mesmo no Polêmica o ouvinte participa ao vivo, opinando sobre o assunto discutido entre convidados especiais. Comandado por **Lauro Quadros**, o programa é um líder absoluto de audiência e conta com um dos mais importantes times de patrocinadores. Se o assunto é polêmico, precisa ser abordado por todos os lados. Até o final.

**SHARE DO SEGMENTO RADIOJORNALISMO**  
Fonte: Ibope - Trimestre Abril a Junho/03 - 2ª a 6ª - Média 9h30 às 11h - Porto Alegre e Grande Porto Alegre.

Patrocinador	Porcentagem
Gaúcha	54%
Emissora B	22%
Emissora C	13%
Emissora D	11%

**Patrocinadores âncoras:**

**Demais patrocinadores:**

<b>Enquete Interativa:</b> Meber	<b>Meteorologia:</b> Ortopedia Correto	<b>Opinião do Povo:</b> Funerárias Reunidas
<b>Temperatura:</b> Tapesul	<b>Hora Certa:</b> Raubert & Estevez Advocacia e Consultoria Gercenter	<b>Manchetes Chamada</b> <b>Geral 1ª Edição:</b> Assist Care
<b>Ouvinte Pergunta:</b> Clínica Dr. Pablo Miguel		

**GAUCHA**  
REDE GAUCHA SAT • RBS RADIO  
A FONTE DA INFORMAÇÃO

Polêmica. De segunda a sexta, com Lauro Quadros, das 9h30 às 11h.

Figura 4 – Anúncio do programa **Polêmica** (agosto de 2003).

Fonte: **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 ago. 2003. p. 23.

A respeito de seu período como apresentador de programas matutinos, Lauro Quadros recorda alguns momentos marcantes. Por exemplo, a interrupção do **Polêmica** para que a Gaúcha passasse a acompanhar – em um primeiro momento, com ele de âncora – o desenrolar dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001:

Neste dia, uma das convidadas era a então deputada estadual Maria do Rosário e eu tive que interrompê-la na sua segunda frase. Estranhei a cena e, logo, o Nelson Sirotsky [*presidente da RBS na época*] entrou de Nova Iorque. Ele estava por lá. Foi uma cobertura marcante, com uma grande repercussão. (QUADROS, 27 mar. 2017).

Nada seria, no entanto, tão impactante quanto o episódio de 19 de setembro de 1986, quando Luis Carlos Rodrigues Abdo, arma em punho, invade outra emissora, a Rádio Capital, afirmando que pretendia revelar o terceiro segredo de Nossa Senhora de Fátima e, para isto, exigia falar justamente com Lauro Quadros, naquele momento no estúdio da Gaúcha. Durante quase três horas, o comunicador permaneceria em contato telefônico com o invasor até que este se rendesse à Polícia Militar. (RÁDIO GAÚCHA, 25 set. 2016).

Outra atração da Rádio Gaúcha na qual o jornalista e radialista teve intensa participação foi o **Sala de Redação**, programa esportivo que, desde 1971, inicia as tardes da emissora. Lauro Quadros integrou a equipe de 1985 a 2014, muitas vezes como substituto de Ruy Carlos Ostermann, no comando da mesa-redonda.

Em todas estas atividades, o jornalista e radialista buscou sempre o que considera uma atitude profissionalmente neutra:

Considero-me obsessivo-compulsivo em matéria de imparcialidade, isenção. No programa **Polêmica**, por exemplo, essa preocupação era notória. Dois debatedores de um lado com uma opinião e, do outro, dois debatedores com ponto de vista contrário. O contraditório, o equilíbrio. (QUADROS, 2015, p. 56).

Em 2014, Lauro Quadros anunciou a sua aposentadoria, deixando o microfone, decisão considerada pelo próprio como definitiva (QUADROS, 27 mar.2017). Tão definitiva quanto a neutralidade ainda conservada por este jornalista e radialista após quase seis décadas do primeiro contrato com uma emissora. O público segue sem saber, afinal, para qual time o comunicador dos bordões criativos torce.

### Considerações finais

É curioso como uma das tiradas mais conhecidas pelos ouvintes do Sul do país nos anos 1970 pode ser aplicada ao seu criador. Qual afinal, então, o “mais meio quilo de farofa” de Lauro Quadros? Basta lembrar que este jornalista e radialista nunca se limitou a apenas uma área do fazer radiofônico. Passou por todas as funções de uma jornada esportiva: narrador, comentarista, plantão esportivo e repórter. Levou para mesas-redondas e radiorrevistas as características destas funções, mantendo a descrição dos fatos, a análise e a contextualização destes e o tino para a pergunta precisa.



Entender o significado deste profissional para o rádio e para a comunicação do Rio Grande do Sul é também refletir sobre seu próprio legado e admitir que o modo de falar no jornalismo esportivo hertziano divide-se em um antes e um depois de Lauro Quadros. Nos anos 1960, época de vocabulário técnico, formal, sisudo e essencialmente engessado, começou, como repórter de campo, a adotar expressões mais coloquiais. Na contemporaneidade, se há a predominância de um texto conversado e menos formal, existe um tanto de contribuição deste comunicador.

Sua importância, no entanto, não se restringe à forma de falar. O incentivo à participação dos ouvintes demonstra a sintonia de Lauro Quadros com a convergência bem antes das redes sociais. Ao longo de sua carreira, também foi um profissional de características multimidiáticas, conciliando espaços no rádio, na televisão e em jornal, não apenas na cobertura esportiva, mas abordando vasto repertório de assuntos.

Procurou-se, portanto, estabelecer o necessário reconhecimento a respeito do legado de Lauro Quadros para o segmento de jornalismo, uma vez que, pelo seu profissionalismo e por suas capacidades, ajudou a redefinir a estrutura, a forma e o conteúdo do rádio comercial de Porto Alegre. Levando em consideração as transformações culturais, econômicas, políticas, sociais e tecnológicas pelas quais o meio rádio passou na segunda metade do século 20, este comunicador influenciou programas, modos de produção, radialistas e jornalistas que vieram posteriormente. Diante desta relevância, salienta-se que Lauro Quadros foi essencial para a atual configuração do rádio de Porto Alegre.

## Referências

- DALPIAZ, Jamile Gamba. **O futebol no rádio de Porto Alegre**: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade). Porto Alegre, 2002. 187f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul**: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.
- \_\_\_\_\_. 1958: na Suécia, a Guaíba faz o estúdio falar com o estádio. In: RANGEL, Patrícia; GUERRA, Márcio (Org.). **O rádio e as Copas do Mundo**. Juiz de Fora: Juizforana, 2012. p. 63-83.
- \_\_\_\_\_. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/epic/article/viewFile/418/332>>.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. 1.504p.
- GRABUSKA, Cleber; MAICÁ, Júnior. **Sala de Redação aos 45 do primeiro tempo**: a história do programa que mudou o rádio gaúcho. Porto Alegre: Bairrista, 2016.

- GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro; FERRARETTO, Luiz Artur. O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0420-1.pdf>>.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LAURO QUADROS. Entrevista pessoal em 27 de junho de 2017.
- PROGRAMA **Polêmica**. Quando o assunto tem dois lados e o Lauro Quadros no meio. **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 ago. 2003. p. 23. Anúncio.
- QUADROS, Lauro. **Olha, gente!:** as histórias de Lauro Quadros. Depoimento a Maikio Guimarães. Porto Alegre: AGE, 2015.
- RÁDIO GAÚCHA. **Arquivo Gaúcha**. Porto Alegre, 25 set. 2016. Programa de rádio.
- RÁDIO GUAÍBA AM. **Internacional x São Paulo**. Porto Alegre, 21 out. 1973. Programa de rádio.
- \_\_\_\_\_. **1969-1979 – 10º aniversário do Estádio Beira-Rio**, Porto Alegre, 1979. LP.
- \_\_\_\_\_. **Grêmio campeão brasileiro 1981**. Porto Alegre, 1981. LP.
- RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo:** histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.